

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i35.4716>
Licenciado sob uma Licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



HUSSERL E DAMÁSIO: CONEXÕES ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A FENOMENOLOGIA

*Husserl and Damásio:
Connections between neuroscience and Phenomenology*

Vanessa Furtado Fontana
UNIOESTE

Resumo: O presente estudo versa sobre a relação crítica entre a fenomenologia de Husserl e as neurociências. Seria possível pensar a neurociência, que engloba várias ciências naturais, por via de um olhar fenomenológico reduzido? Avalia-se primeiramente a questão da possibilidade de unir a fenomenologia e estudos científicos sobre a consciência sem perder o caráter universal da filosofia husserliana. Tal empreitada requer ainda olhar a neurociência como possibilidade de abertura à leitura da consciência humana capaz de ampliar os conhecimentos sobre temas ainda misteriosos para a neurologia. Numa primeira etapa, deve-se mostrar a relevância de resgatar o discurso da ciência, mas a partir da metodologia fenomenológica. Fazê-lo seria simplesmente naturalizar a fenomenologia ou reconduzir à neurociência ao campo universal dando-lhe amplitude investigativa? No desenvolvimento da fenomenologia, Husserl esteve sempre conectado às ciências, entre elas a psicologia. No texto “A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental” anexo XVII, Husserl diz ser o mundo científico pertencente ao mundo da vida (*Lebenswelt*). O termo *Lebenswelt* pode ser traduzido por mundo da vida e significa de forma sucinta a ideia da inclusão do mundo no campo das vivências fenomenológicas. Mostra-se ainda a relação entre as emoções sob o ponto de vista neurológico e sob o ponto de vista fenomenológico, o que permite abrir caminho aos estudos da moral.

Palavras-chave: fenomenologia, neurociência, consciência, emoções.

Abstract: The present study deals with the critical relationship between Husserl's phenomenology and neurosciences. Would it be possible to think about neuroscience, which encompasses several natural sciences, through a reduced phenomenological view? First, the question of the possibility of uniting phenomenology and scientific studies on consciousness without losing the universal character of Husserlian philosophy is evaluated. Such an undertaking also requires looking at neuroscience as a possibility of opening up to the reading of human consciousness capable of expanding knowledge on themes that are still mysterious to neurology. In a first stage, the relevance of rescuing the discourse of science must be shown, but based on the phenomenological methodology. To do so would it simply be to naturalize phenomenology or to bring neuroscience back to the universal field, giving it an investigative scope? In the development of phenomenology, Husserl has always been connected to the sciences, including psychology. In the text “The crisis of European sciences and transcendental phenomenology” annex XVII, Husserl says that the scientific world belongs to the world of life (*Lebenswelt*). The term *Lebenswelt* can be translated by the world of life and it succinctly means the idea of including the world in the field of phenomenological experiences. It also shows the relationship between emotions from a neurological point of view and from a phenomenological point of view, which makes it possible to pave the way for moral studies.

Keywords: Phenomenology, neuroscience, consciousness, emotions.

Introdução

A tarefa de relacionar a fenomenologia e a neurociência pode parecer um projeto contraditório num primeiro instante, pois abarcam duas linhas de pensamento aparentemente distintas acerca do mesmo tema, a consciência, linhas que utilizam pressupostos conceituais e metodológicos divididos em dois campos: o conhecimento científico (Natural para Husserl) e o conhecimento filosófico (Transcendental fenomenológico husserliano). É preciso tematizar essa relação sem subestimar um dos lados do conhecimento humano. Mostrar os pontos de aproximação e distanciamento entre ambas parece a forma mais lúcida de averiguar um diálogo construtivo. Tal aproximação já existe e está consolidada como explica Marbach:

Recentemente, várias propostas de cooperação conceitual e metodológica entre neurocientistas e filósofos, particularmente aqueles fenomenologicamente orientados, estudando a consciência de um ponto de vista objetivo e subjetivo, foram feitas.¹

Ele cita, por exemplo, o biólogo e filósofo Francisco Varela, que também pertence à esse contexto de estudos, mas também Antônio Damásio, em particular no texto “O mistério da consciência”, o qual, esse trabalho se dedica de forma especial. Damásio é um neurologista português dedicado ao estudo do cérebro, da consciência e das emoções. No prefácio ao livro acima citado acredita-se ser o tema de sua obra o *sair à luz da consciência e compreender os alicerces biológicos da mente*.² Apesar de sua orientação provir de uma leitura científica de suas pesquisas, algo de filosófico permeia as preocupações de suas especulações em neurociência: “O que poderia ser mais difícil de conhecer do que o modo como conhecemos?”³

Certamente, a neurociência está mais próxima da fenomenologia do que aparenta. O ponto forte de conexão entre elas está na consciência, esse estar consciente como modo de abertura intencional de mundo capaz de conhecer e sentir. Como explica Popper, para usar uma interpretação isenta de pressupostos, apesar da separação entre conhecimento filosófico e científico que impede com que estas ciências aceitem as verdades expressas em suas teorias, há um ponto de conexão entre elas: trata-se do problema de compreender o mundo. Diz Popper:

Eu, entretanto, acredito que exista pelo menos um problema filosófico no qual todos os homens de cultura estão interessados. É o problema da cosmologia: o problema de compreender o mundo – inclusive nós próprios e nosso conhecimento como parte do mundo. Segundo entendo toda ciência é cosmologia e, para mim, o interesse que tem a filosofia, assim como o que tem a ciência, reside apenas nas contribuições que elas trazem para a cosmologia.⁴

¹ MARBACH, Eduard. “Towards Integrating Husserlian Phenomenology with Cognitive Neuroscience of Consciousness.” In: *Synthesis philosophica*, 44, 2/2007, p. 386.

² DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, P. 15.

³ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, P. 16.

⁴ POPPER, Karl. R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975, p. 535.

A aproximação entre ciência e filosofia se consagra de modo diferenciado na fundação da fenomenologia elaborada por Edmund Husserl. É sobre a perspectiva husserliana que se concentra nossa análise para tornar acessível o campo da neurociência. Nessa trilha, deve-se recordar aqui a preocupação da neurociência como estudo da mente num sentido sistêmico, orgânico e subjetivo⁵. Deve ficar evidente que na posição fenomenológica de Husserl todas as ciências ocupam uma posição prévia ao âmbito fenomenológico. O que significa dizer que a neurociência antes da fenomenologia é ciência natural, ou seja, no projeto de fundamentação das ciências isto quer dizer que a mesma ainda não chegou às razões universais e ontológicas acerca de suas conexões essenciais. A neurociência como estudo contemporâneo da formação biológica da consciência tem suas raízes nas discussões sobre a dicotomia mente/corpo apresentada na filosofia de Descartes, como bem lembra Churchland: “A substituição para o problema mente/corpo não é o único problema, é o vasto programa de pesquisa da neurociência cognitiva”⁶. Husserl dá uma resposta à dicotomia mente/corpo cartesiana, a chamada substancialização do *cogito* é interpretada como psicologismo⁷, isto é, a característica limitada e ingênua do *cogito* cartesiano restrito ao eu psicológico, uma consciência subjetiva limitada à atitude natural.⁸ A questão da falta de radicalização⁹ da dúvida cartesiana resultando na permanência de Descartes no âmbito natural de conhecimento, o mesmo das ciências positivas, é retomada na obra *Krisis*. Para Husserl, o *cogito* apenas

⁵ Sistêmico aqui no sentido: “[...] técnica, caminho ou meio de realizar um sistema.” No vocábulo sistemático do dicionário Abbagnano. Orgânico conforme o vocábulo orgânico no dicionário Abbagnano: “Que é um organismo ou pertence ao organismo. Além dos significados relativos a esse termo, o adjetivo foi e é às vezes empregado para indicar a subordinação das partes ao todo que se considera típica do organismo. A palavra “subjetivo” remete mais à crítica de Husserl ao psicologismo das ciências, que significa pensar a mente como algo subjetivo, e seu conhecimento algo interno comparado ao elemento externo que se procura conhecer, mesmo a Psicologia não deixou de ser crítica por Husserl por pensar o conhecimento através da dicotomia sujeito e objeto, dentro fora. É importante entender como diz Husserl na obra *A ideia da fenomenologia* de 1907, na segunda seção impõe a pergunta sobre o: “[...] tão enigmático e nos lança na perplexidade nas reflexões mais à mão sobre a possibilidade do conhecimento, vemos que é a sua transcendência.” (HUSSERL, 2008b, p. 60) Todas as ciências naturais tratam de um objeto transcendentalmente existente, contudo a fenomenologia com seu novo método e fundamento de conhecimento pensa em outro modo de transcendência, na qual a consciência é intencional, transcendência na imanência. A pergunta da tradição moderna do conhecimento diz: “[...] como pode a vivência ir, por assim dizer, além de si mesma?” (HUSSERL, 2008b, p. 60) Toda essa discussão pretende ultrapassar os limites da dicotomia interno-externo através da intencionalidade. Como ele diz: “Mas, há ainda uma outra transcendência, cujo contrário é uma imanência inteiramente diversa, a saber, o dar-se absoluto claro, a autopresentação em sentido absoluto”. (HUSSERL, 2008b, p. 61)

⁶ CHURCHLAND, Patricia Smith. The Impact of Neuroscience on Philosophy. In: *Neuron* 60, November 6, 2008 ©2008 Elsevier Inc, p. 409.

⁷ A crítica ao psicologismo aparece primeiro nos *Prolegômenos à Lógica Pura* quando Husserl pretende resgatar a disciplina Lógica das incertas teorias psicológicas (psicologia empírica). As leis lógicas não podem ter como base a psicologia empírica, por isso, o psicologismo na lógica é refutado por Husserl, “Se o psicologismo estivesse no caminho certo só poderíamos esperar, em todas as leis lógicas dos silogismos, regras da seguinte espécie: de acordo com a experiência [...]” (HUSSERL, 2014, p. 53). A partir daí esse conceito é ampliado a todo tipo de subjetividade psicológica, que seria pensar a consciência através das intencionalidades psicológicas limitadas à relação de objetividade representativa moderna, não intencional fenomenológica. Como explica José Gaos: “A fenomenologia ratificou em primeiro lugar a identificação do dado com a ordem físicos e psíquicos. Decisiva foi, neste sentido, a já memorável crítica do psicologismo feita por Husserl no tomo primeiro de suas *Investigações Lógicas*, o livro fundamental da fenomenologia. O psicologismo é uma forma relevante de precipitar o positivismo. É o reflexo do sistema positivista do universo no sistema das disciplinas filosóficas. Se o positivismo reduz o universo à ordem dos fenômenos físicos e psíquicos, o psicologismo funda na Psicologia as disciplinas paralelas chamadas normativas, como a lógica e a teoria do conhecimento [...]” (GAOS, 2007, p. 87)

⁸ HUSSERL, *Meditações cartesianas*. Para Husserl, a filosofia cartesiana salva um pedacinho de mundo ao salvar a alma como apodítica, mas esse eu penso é apenas um eu psicológico. § 10 “Infelizmente, é isso que se passa em Descartes, com a viragem, singela mais fatal, que faz do ego uma *substantia cogitans, mens sive animus* humano separado, e um ponto de partida para inferências segundo o princípio causal, numa palavra, a viragem pela qual ele se tornou o pai do contra-senso (que não podemos ainda tornar visível) do realismo transcendental.” (HUSSERL, 2010, p. 72). No § 11 ele destrincha a diferença entre o eu psicológico, no qual está a crítica ao *cogito* cartesiano, e o Ego transcendental.

⁹ Radicalização, esse termo aparece quando Husserl fala que se comparado ao método da dúvida cartesiana a epoché ou redução fenomenológica deve ser feita de forma radical, sem resquícios da atitude natural (dicotomia sujeito-objeto).

reduz o corpo do sujeito, esse modo de operar o método da dúvida acaba por restringir o sujeito ao seu eu psíquico. Diz: “A alma, porém, é o *residuum* de uma abstração prévia do puro corpo e, após esta abstração, pelo menos aparentemente, um complemento desse corpo.”¹⁰

Cabe colocar em pauta a dificuldade da leitura fenomenológica sobre a ciência da neurologia diante dos argumentos apresentados. Tem-se no lado da neurociência um conhecimento rodeado de várias ciências positivas, as quais entram na fenomenologia como ciências naturais, na neurologia a consciência é parte de um processo orgânico maior chamado: mente. A fenomenologia de Husserl faz uma leitura psicofísica do sujeito descrito pelas ciências e mesmo das filosofias modernas. Tal leitura não contradiz os parâmetros das ciências, contudo essa leitura implica uma crítica diminutiva do alcance teórico da visão das ciências.

A diminuição do alcance da ciência segundo Husserl ocorre pela falta de radicalidade universal das constatações científicas positivas, o que ele chama de conhecimento natural e ingênuo do mundo. Diz: “O conhecimento natural começa com a experiência e permanece na experiência”¹¹, dentre as ciências naturais estão as ciências materiais, ciências dos seres animais com sua natureza psicofísica (fisiologia e psicologia) e também as ciências do espírito (história, ciências sociológicas). Estas ciências naturais entram numa delimitação de ciências dos fatos, pois tratam de algo posto no tempo como efetividade. A crítica da fenomenologia às ciências, e também à neurologia, está na tese da atitude natural, a qual afirma o estudo dos objetos transcendentais como efetividade real, na qual não entraria uma verdadeira universalização científica.

A ingenuidade das ciências não é tão limitada quanto a do senso comum, isto quer dizer que Husserl aplica uma divisão da ingenuidade dentro da atitude natural. O mundo natural pré-científico ou do homem empírico sem ciência é mais ingênuo. O conhecimento do mundo do senso comum é mais duvidoso e não pode resultar em verdades válidas.

Conhecê-lo de maneira mais abrangente, mais confiável, e sobre todos os seus aspectos, mais perfeita do que o conhecimento empírico ingênuo é capaz de fazê-lo, solucionar todas as tarefas do conhecimento científico que se apresentam no seu terreno, eis a meta das ciências de orientação natural.¹²

As ciências de fatos ou naturais são menos ingênuas, pois constroem as validades lógico formais das objetividades do mundo físico e psíquico.¹³ Quando se trata do caráter teórico das ciências estas são suficientes: “a ciência não é conhecimento ingênuo no interesse teórico [...]”¹⁴, mas apenas se comparada à ciência fenomenológica. Husserl acredita ser importante que tais ciências continuem a exercer seu papel de ciências para desenvolver a tecnologia do mundo prático. O próximo passo da fenomenologia é a redução fenomenológica, o método utilizado para alcançar a universalidade e totalidade do mundo, através da consciência. As ciências da atitude natural são reduzidas de seu conteúdo real e transpostas ao âmbito transcendental. O colocar fora de circuito das ciências dos fatos requer um colocar fora de circuito as validades baseadas na posição de existência do ser. A redução exige um olhar da atitude transcendental, ou seja, um olhar reflexivo das ciências. Elas só podem existir através da teoria da constituição do mundo no *eu puro*. Como explica Husserl, em *Ideias II*, o mundo se divide em natureza, corpo e

¹⁰ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008a, p. 95.

¹¹ HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006, p. 33.

¹² HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006, p. 78.

¹³ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 283.

¹⁴ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 283.

espírito e todos esses âmbitos entram na fenomenologia como ontologias formais ou materiais.

Lebenswelt* e a constituição das ciências na *Krisis

O mundo da vida é tema presente nos últimos escritos de Husserl em especial no texto de *Krisis*. Muitos comentadores acreditam ser uma tentativa de Husserl de resgatar o âmbito real ou natural do mundo através fundação da fenomenologia no mundo pré-dado. Contudo, sabe-se que Husserl nunca abandona sua posição transcendental, e mesmo neste texto o conceito de *mundo da vida*, o mundo pré-dado e revidado pelas ciências, é mais bem entendido como mundo das vivências, tanto naturais, quanto transcendentais. O âmbito que abarca a infinitude das vivências do mundo.

O mundo da vida é o mundo pré-dado, no qual se concentra as duas atitudes de mundo, a atitude científica natural e a atitude científica transcendental. Esta última como possibilidade radical do conhecimento verdadeiro do mundo da vida. Diz:

E talvez a cientificidade que este *mundo da vida*, como tal é na sua universalidade exige, seja uma cientificidade específica, justamente não lógico-objetiva, e que, como a cientificidade fundamentadora última, o seu valor não seja o de uma cientificidade menor, mas superior.¹⁵

A fenomenologia tem a característica de ciência fundante diante das outras ciências e do mundo da vida pré-dado. O conceito de mundo da vida deve ser compreendido através atitude transcendental concentrada no *eu puro*. “O mundo da vida é um domínio de evidências originárias.”¹⁶, as quais são diferentes das evidências lógico-objetivas das ciências naturais. A constituição intersubjetiva do mundo da vida é a doação originária de sentido, a base sólida de toda intencionalidade objetiva e psicofísica. A fenomenologia é o fundamento teórico e radical sobre o mundo, e abrange toda humanidade. Ela pretende ser a ciência fundante para as ciências naturais. A constituição das ciências entra como constituição do ser na consciência pura, a função fenomenológica das ciências se converte em ontologias do mundo da vida.

Neurociência como ontologia regional e a humanidade

Na conferência sobre *A crise da humanidade europeia*, Husserl afirma o lugar da medicina para a fenomenologia. Como ramificação da filosofia, como ontologia regional dentro do complexo e intuitivo campo da doação pura da consciência. Ele faz uma diferença entre medicina científico-natural e a medicina naturalista.¹⁷ Esta última como experiência do sujeito ingênuo ou empírico. A medicina científica-natural entra no campo fenomenológico como ontologia da medicina, o estudo do ser corporal biológico.

Husserl propõe uma ontologia fenomenológica como forma de estudar todas as regiões de ser do *mundo da vida*. É isso que já propõe em 1924 quando escreve o texto das *Ideias III*, que traz à tona o debate da relação entre ontologia e fenomenologia. Diz:

¹⁵ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 139.

¹⁶ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 142.

¹⁷ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 317.

[...] a fenomenologia pura parece abrigar todas as ontologias, tanto da ontologia pura como da ontologia da psicologia (ciência racional) estas têm suas raízes sobre seus conceitos fundamentais e seus axiomas.¹⁸

Este texto conclui o pensamento fenomenológico das *Ideias II* com o tema principal da constituição do mundo. Em *Ideias III*, explica-se a necessidade de aplicar a *epoché* as regiões de ser do mundo. As ciências empíricas reduzidas formam a ontologia da natureza física, já as ciências do espírito formam a ontologia da natureza psíquica. Tema retomado em *Krisis* sob a perspectiva do mundo da vida, que pode tornar-se tema de ciência através da ontologia do mundo da vida como mundo da experiência não transcendental. “Contudo, a tarefa da *epoché* transforma o mundo da vida em fenômeno transcendental.”¹⁹

A neurociência abrange muito mais do que uma simples visão material do mundo. As ciências formadoras da neurociência são a neurologia, biologia, genética, computação e engenharia. Ela engloba também um pensamento filosófico, psicológico e até metafísico da ciência médica. A grande intenção de Husserl era conquistar o campo de sentido do mundo e das ciências e enfim fornecer o suporte conceitual para repensar o papel das ciências a partir da orientação fenomenológica. A neurociência não é descrita por Husserl, por causa de sua aparição recente na humanidade, mas é possível fazer uma leitura interessante a partir da crítica de Husserl as ciências e a solução apresentada no texto *Krisis*.

A falta de cientificidade das ciências é o motivo apontado para crise da ciência europeia. Esta falta de cientificidade significa falta de racionalidade causada pela descrença e ceticismo em geral e na própria filosofia como ciência reflexiva e universal. A solução é tentar resgatar a filosofia como ciência condutora do vasto campo de especialidades, incluindo a neurociência. A filosofia seria a ciência que *conduzirá conscientemente* as ciências positivas, porque deve conduzir as discussões por ser “o movimento histórico da revelação da razão universal, inata como tal à humanidade.”²⁰

O surgimento de uma ciência interdisciplinar como a neurociência faz pensar na efetivação da possibilidade inventada por Husserl de uma ciência condutora da humanidade, uma ciência que responda as questões universais, éticas e existenciais da humanidade, em conjunto com outras ciências positivas e ciências da sociedade. O desenvolvimento da racionalidade está ligado ao desenvolvimento da reflexão filosófica e do aperfeiçoamento da técnica que traz benefícios práticos e essenciais à vida. “Com a humanidade, porém progride também a técnica, bem como o interesse pelo que é tecnicamente mais refinado; e o ideal da perfeição desliza, assim, sempre mais além.”²¹ A filosofia é uma tarefa do filósofo do seu tempo. Ela é “práxis dos filósofos na sociedade dos cientistas”²², ou seja, a filosofia deve intervir nas discussões do seu tempo em especial nas discussões da ciência de seu momento histórico, como é o caso da neurociência.

A consciência na neurociência de Damásio

¹⁸ HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures. Livre troisième: La Phénoménologie et les fondements des sciences*. Seguido de Postface a mes Idées directrices pour une phénoménologie pure. Tradução do alemão por Dorian Tiffeneau. Paris: PUF, 1993, p. 92.

¹⁹ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 188.

²⁰ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 31.

²¹ HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 39.

²² HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, p. 513.

A relação mente/corpo²³ permanece na discussão fundamental para pensar o conceito de consciência na neurologia, e na filosofia da mente como um todo. A neurologia de Damásio substitui a relação clássica mente/corpo introduzindo uma terceira via equilibradora dessa dicotomia, a via do ambiente. Como explica Filomena Talento em seu artigo²⁴:

[...] Damásio superou o dualismo clássico mente-corpo na conexão mente-corpo-ambiente, demonstrando a impossibilidade de conhecer realmente a mente humana no momento onde esta se ilude de ser capaz de se separar do corpo que habita e do ambiente com o qual interage.²⁵

A consciência depende necessariamente de um corpo, e o corpo depende do mundo, do ambiente onde está inserido, e com o qual ele interage. Damásio trabalha uma ideia de *estabilidade relativa*, a qual é um meio orgânico de manter o equilíbrio entre o dentro do organismo e o que está fora. Numa leitura fenomenológica, o *lebenswelt* naturalizado da ciência mostra a relação necessária entre consciência e mundo. Não seria essa relação uma mostra da superioridade da neurociência diante da crítica husserliana? Acredita-se na resposta afirmativa, pois apesar da consciência estar intimamente descrita como um organismo biológico, ela tem uma característica mecânica e ao mesmo tempo essa mecanicidade ultrapassa os limites de sua existência orgânica e constrói o pensamento consciente e reflexivo da subjetividade, o que Damásio chama de *self*²⁶. A consciência doadora de sentido reflexivo na fenomenologia não se ocupa em responder aos problemas factuais do *mundo da vida* na sua versão natural. A neurologia se depara com a consciência nos seus estados mais peculiares, pois são as doenças neurológicas, as verdadeiras guias de aprendizados sobre os mistérios neurobiológicos da mente.

Antônio Damásio escreve em *O mistério da consciência* suas experiências de médico e sua caminhada para tentar desvendar os mistérios do cérebro e da consciência humana. A consciência não é a totalidade da mente, mas antes uma parcela que corresponde ao sentido do *self*, ou seja, do conhecimento de si e dos outros. O problema da consciência para Damásio é dividido em dois: 1) “[...] entender como o cérebro no organismo humano engendra os padrões mentais que denominamos, por falta de um termo melhor, as imagens de um objeto”²⁷; e 2) “Como, paralelamente ao engendramento de padrões mentais para um objeto, o cérebro também engendra um sentido do *self* no ato de conhecer?”²⁸

O primeiro problema é, a princípio apenas, orgânico-biológico, pois como ele diz numa perspectiva neurobiológica: “o problema é descobrir como o cérebro produz padrões neurais em seu circuito de células nervosas [...] como converter esses padrões neurais nos

²³ Este tema também aparece no livro *O mistério da consciência*, mas é tema principal na obra *O erro de Descartes*.

²⁴ TALENTO, 2010. Neste texto a autora faz uma relação entre a neurociência de Damásio e a filosofia de Merleau-Ponty, para mostrar as aproximações entre estes pensamentos através da superação do dualismo cartesiano. Fica clara a ligação do corpo com o ambiente quando se trata das doenças neurológicas e incapacitantes das funções corporais: “Mas sua ligação com o ambiente do qual dependem é rompida, e devido a esse rompimento eles não conseguem garantir essa preservação física” (TALENTO, 2010, sem página. Tradução nossa)

²⁵ TALENTO, Filomena. Sulle emozioni: confronto tra fenomenologia e neuroscienze. In: *Phenomenology Lab*, venerdì, luglio 23, 2010. In: <http://www.phenomenologylab.eu/index.php/2010/07/fenomenologia-e-neuroscienze>, sem página.

²⁶ Uma primeira definição de *self* é explicada com uma metáfora do sair à luz: “[...] tenho o a intuição de que sair à luz é também uma eloquente metáfora para a consciência, para o nascimento da mente conhecedora, para a simples mas decisiva chegada do sentido do *self* ao mundo mental”. (DAMÁSIO, 2015, p. 15) Há vários sentidos de *self*, conforme os vários sentidos de consciências, como o *self* central e o *self* autobiográfico tema da parte 3 sobre a biologia do conhecimento.

²⁷ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 19.

²⁸ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 20.

padrões mentais[...]o qual designo por imagem”²⁹. Trata-se aqui de como as imagens são produzidas na mente, ou “[...] como obtermos um filme no cérebro[...]”.³⁰ O segundo problema trata de como o humano constrói o conhecimento do objeto e o sentido do *self* no ato de conhecer. Para Damásio, esse segundo problema também é biológico, porque trata de como o cérebro sabe que há um eu: “como cérebro também gera um senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme.”³¹ Apesar de abordagem e da afirmação de Damásio sobre a forma de conhecer estar estritamente ligada ao seu aspecto físico, há uma abertura de questionamento filosófico, apesar de não ser a intenção do neurologista.

A neurociência tem umas premissas de base para pensar a consciência de suas divisões. Dentre elas pode-se destacar: consciência e estado de vigília são distintos; a consciência e a emoção estão conectadas e a consciência pode ser separada em tipos complexos e simples.³² A consciência se divide em consciência central e a consciência ampliada, ou *self* central e *self* autobiográfico, e ainda no *proto-self*.³³ O *self* central está presente em outros animais, mas o *self* autobiográfico ou consciência ampliada é a característica mais complexa e mais evoluída, logo é correto dizer:

Quando cometemos o deslize de dizer que a consciência é uma qualidade distintamente humana, estamos pensando na consciência ampliada em seus níveis mais elevados, não na consciência central, e por isso nossa arrogância é perdoável: a consciência ampliada é de fato uma função prodigiosa e, em seu ápice, ela é exclusivamente humana.³⁴

O primeiro aparecimento da consciência está relacionado com a produção das imagens dos objetos. Como são representada na consciência as coisas do mundo, as pessoas e as memórias. “A consciência permite saber que as imagens existem dentro do indivíduo que as forma, situa as imagens na perspectiva do organismo, relacionando-as a uma representação integrada [...]”.³⁵

Sabe-se com Husserl da dificuldade de se pensar as imagens dentro da mente. Tal perspectiva remete à filosofia escolástica, a qual a fenomenologia pretende se afastar. Sartre mesmo fará a defesa da imagem fora da consciência no texto *A Imaginação*, no qual diz como conclusão: “Não há, não poderia haver imagens na consciência. Mas a imagem é um certo tipo de consciência. A imagem é um ato e não uma coisa. A imagem é consciência de alguma coisa”.³⁶

A concepção descrita por Sartre, só tem sentido, quando se destaca o valor da compreensão de Husserl acerca da intencionalidade, e Sartre faz essa referência em *A imaginação*. E na obra complementar a essa, chamada *O imaginário*, Sartre adota as descobertas husserlianas e inicia sua pesquisa dizendo:

²⁹ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 20.

³⁰ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 20.

³¹ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 21.

³² DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 25.

³³ O *proto-self* é um conjunto coerente de padrões neurais que mapeiam, a cada momento, o estado da estrutura física do organismo nas suas numerosas dimensões. As estruturas cerebrais necessárias para implantar o *proto-self* são: os vários núcleos do tronco cerebral, hipotálamo e o córtex insular. Trata-se de várias partes do cérebro.

³⁴ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 161.

³⁵ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 31.

³⁶ SARTRE, J.P. *A Imaginação*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1987, p. 107.

A palavra imagem só pode designar, então, a relação da consciência com o objeto; em outras palavras, é uma certa maneira que o objeto tem de aparecer para a consciência, ou, se preferirmos, uma certa maneira que a consciência tem de se dar um objeto. Na verdade, a expressão imagem mental dá ensejo à confusão. Seria melhor dizer 'consciência de Pierre-em-imagem' ou 'consciência imaginante de Pierre.'³⁷

Certamente, na consciência central de Damásio prevalece uma perspectiva indiscutivelmente biológica, a qual implica uma concepção de consciência limitada, mas a consciência ampliada se consolida como modo de consciência destacado, o qual se aproxima muito da concepção fenomenológica de Husserl.

Há mais uma questão relevante no contexto inicial da consciência ampliada. A consciência começa com as emoções. “[...] a consciência começa com o sentimento do que acontece quando vemos, ouvimos ou tocamos”³⁸, o sentimento acompanha todas as imagens. Emoções não estão presentes em pacientes sem movimento, isto implica a ausência de consciência. A ausência de atenção não implica falta de consciência central.³⁹

A indicação da consciência ampliada como consciência de um eu pessoal, de uma subjetividade complexa, destaca-se da simples consciência orgânica, ela é uma consciência doadora da individualidade do sujeito:

A concepção de consciência que adoto aqui vincula-se historicamente às de pensadores tão diversos quanto Locke, Brentano, Kant, Freud e William James. Assim como eu, eles acreditavam que a consciência é um “senso interior”. Curiosamente, a concepção do “senso interior” não é mais a que prevalece nos estudos da consciência.⁴⁰

A relação entre exterior e interior, para explicar o modo como se conhece os objetos, recai na questão cartesiana da consciência e a intenção ao objeto exterior. André Barata ao explicar o problema da experiência do outro e as várias distinções de exterioridade cita três sentidos em âmbitos diferentes de pensamento, entre eles, sentido físico, o da filosofia da mente e o sentido da fenomenologia, esta última representando o pensamento da consciência não interiorizada:

...o interior pode corresponder a isto que no campo da filosofia da mente é comumente conhecido como *qualia*, em contraste com a *percepta* externa, isto é, as propriedades da experiência de um objeto em contraste com as propriedades do objeto experienciado. Na pesquisa fenomenológica de Husserl, esse segundo sentido da separação exterior/interior parece também paralelo a experiência subjetiva do *Leib* (o corpo vivente) em contraste com as objetividades [...] ⁴¹

A experiência do *Leib* é a constituição do corpo na fenomenologia pura, ou seja, o corpo como objeto material se constituindo no campo da experiência transcendental. Trata-se da intencionalidade recíproca entre consciência e mundo, não há dicotomia entre interno e externo, tudo está imerso no transcendental. Na neurologia a consciência vista como fenômeno interior relacionada ao objeto exterior não seria um problema, mas explicaria as doenças neurológicas debilitantes. Na visão de Damásio a intencionalidade é resolvida pela consciência que é atividade do cérebro. Diz Damásio:

³⁷ SARTRE, J.P. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 28.

³⁸ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 32.

³⁹ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 81.

⁴⁰ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 107.

⁴¹ BARATA, André. *Lévinas, Husserl e Damásio – From otherness as experience to experience as Otherness*. In: Estudos e pesquisas em psicologia, Rios de Janeiro: UERJ, 2008, nº2, p. 205.

Os filósofos vivem enredados no problema da chamada “intencionalidade”, o intrigante fato de que os objetos mentais ‘se relacionam’ a coisas externas à mente” A meu ver, esse aspecto dominante da “relatividade externa” da mente está alicerçado na atitude narrativa do cérebro.⁴²

A crítica de Damásio ao conceito de intencionalidade não chega a desmontar a tese da fenomenologia, mas trata-se de uma visão moderna do conceito. A dicotomia interno-externo faz a neurociência de Damásio repensar um âmbito reflexivo para a consciência. A ideia de uma consciência voltada sobre si, uma consciência reflexiva, que se aproxima muito da concepção de intencionalidade fenomenológica:

A essência da consciência central é o próprio pensamento em que você — o próprio sentimento de si — é um indivíduo sendo envolvido no processo de tomar conhecimento de sua própria existência e da existência de outros.⁴³

A consciência do outro depende inicialmente da consciência central, embora esta seja uma consciência não linguística. A consciência não se baseia na linguagem, esta é um processo secundário e mais sofisticado da consciência autobiográfica, a consciência que retém as memórias. A *self* central não está ligada a linguagem e sim as conexões de imagens: “Palavras e sentenças traduzem conceitos, e estes consistem na ideia não linguística do que são as coisas, as ações, os eventos e as relações”.⁴⁴ O primeiro passo da consciência é o sentimento de si, e as emoções são orgânicas. Para Damásio mesmo a expressão linguística do meu eu é apenas uma tradução de um entendimento de si mais essencial do meu *self* central: “Assim, quando a mente diz ‘eu’ ou ‘mim’, ela esta traduzindo, com facilidade e sem esforço, o conceito não linguístico do organismo que é meu, ou do *self* que é meu.”⁴⁵

A consciência ampliada é a mais sutil e desenvolvida. Ela tem duas funções principais aprender e com isso guardar registros, e a capacidade de reativar esses registros. Em resumo ela é a capacidade de gerar um senso de perspectiva individual. A consciência ampliada não é inteligência, mas antes um pré-requisito para a inteligência. Pode-se deduzir a partir disso haver uma diferença crucial com a fenomenologia? Sim, pois a consciência pura é inteligente. Contudo, a memória retencional faz parte da função da consciência ampliada, apesar da mesma não produzir a memória operacional, aquela que permite construção de conhecimento prolongado. As pesquisas sobre a ausência ou defeitos da memória na consciência fazem parte de uma gama de doenças ou estados patológicos capazes de desvendar inúmeras diferenças e estabeleceram os padrões de normalidade da mente.

Todos os processos do organismo cerebral dependem do corpo, por isso, a relação entre corpo e mente continua forte. Nas pistas da afirmação do corpo como fonte para o *self*, Damásio diz: “Mas todos esses processos — emoção, sentimento e consciência — dependem, para sua execução, de representações do organismo. Sua essência comum é o corpo.”⁴⁶ A produção de imagens na consciência, as representações geram na neurobiologia um mapa neural transitório. Esse mapa se forma:

⁴² DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 156.

⁴³ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 108.

⁴⁴ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 153.

⁴⁵ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 153.

⁴⁶ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 203.

Quando as partículas de luz conhecidas como fótons atingem a retina em um padrão relacionado a um objeto específico, as células nervosas ativadas nesse padrão — digamos um círculo ou uma cruz — constituem um “mapa” neural transitório.⁴⁷

Esse mapa demonstra o aspecto criativo do cérebro, que constrói e interage com o ambiente a sua volta de forma independente e não mecânica. Como diz Damásio:

Em vez de refletir fielmente o ambiente que o circunda, como seria o caso com um mecanismo engendrado para o processamento de informações, cada cérebro constrói mapas desse ambiente usando seus próprios parâmetros e sua própria estrutura interna, criando, assim, um mundo único para a classe de cérebros estruturados de modo comparável.⁴⁸

O aspecto biológico evolui e transforma-se em metabiológico, e mesmo a dicotomia entre mente e corpo é ultrapassada, como defende Filomena Talento em seu texto que relaciona Damásio e Merleau-Ponty, com a ideia do meio ambiente como possibilidade de fazer do cérebro muito mais que um organismo sofisticado, um estado de consciência criativo e avançado, ainda com seus mistérios biológicos, mas com toda sua fenomenalidade constituída no mundo. Talento defende em seu artigo que Merleau-Ponty já faz a superação da dicotomia mente-corpo, que anos depois Damásio também fará na obra *O erro de Descartes*. Talento diz sobre Damásio:

Da mesma forma, Damásio superou o dualismo mente-corpo clássico na conexão mente-corpo-ambiente, demonstrando a impossibilidade de realmente conhecer a mente humana quando alguém se ilude em ser capaz de separá-la do corpo que ela habita e do ambiente em que ela interage.⁴⁹

Sabe-se que a superação da dicotomia mente-corpo começa na verdade com a fenomenologia de Husserl, o que coloca Damásio também como herdeiro da fenomenologia. A aproximação feita por Filomena Talento é a mais evidente, contudo os estudiosos da fenomenologia não podem esquecer a clássica obra de Husserl, *Meditações cartesianas*, que lança luz a essa discussão do dualismo cartesiano e de sua superação através da consciência intencional. Na primeira meditação cartesiana Husserl mostra como pensar a relação entre objeto e consciência partindo do método da redução:

A existência do mundo, e, portanto, a deste cubo aqui, é posta entre parênteses por força da epoché, mas um só e mesmo cubo aparente é continuamente imanente à consciência fluente, está descritivamente nela, do mesmo modo que tem nela o caráter de ser descritivamente um e o mesmo. Este ‘na-consciência’ é um ‘estar-em’ de tipo completamente peculiar, a saber, um ‘estar-em’ não como elemento integrante real, mas antes como elemento intencional, enquanto ‘estar-idealmente-em’ ou, coisa que quer dizer o mesmo, como um ‘estar-na-consciência’ enquanto seu sentido objetivo imanente.⁵⁰

É verdade que a obra *Ideias II* tem como propósito a chamada constituição do mundo na consciência pura. Husserl pretende falar das três categorias de mundo e sua

⁴⁷ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 250.

⁴⁸ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 259.

⁴⁹ TALENTO, Filomena. Sulle emozioni: confronto tra fenomenologia e neuroscienze. In: *Phenomenology Lab*, venerdì, luglio 23, 2010. In: <http://www.phenomenologylab.eu/index.php/2010/07/fenomenologia-e-neuroscienze>, sem página.

⁵⁰ HUSSERL, E. *Meditações cartesianas – conferências de Paris*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2010, p. 88.

inclusão como sentido objetivo na consciência, ou melhor, no campo das pesquisas fenomenológicas. Trata-se da natureza (*Natur*), do corpo (*Leib*) e do espírito (*Geist*). Nesta obra Husserl faz uma aproximação maior entre a consciência e o corpo. Ele diz:

É também evidente que com esta relação do ego com o corpo próprio há apenas uma característica segundo a qual o corpo passa a ser o suporte dos pontos zero da orientação, do ‘aqui e agora’, a partir do qual o ego puro tem a intuição do espaço e do mundo sensível inteiro. É assim que toda coisa que aparece *eo ipso* tem uma relação de orientação com o corpo, e não somente a coisa que aparece efetivamente, mas também toda coisa que deve aparecer.⁵¹

Como defende Damásio, a fonte das emoções, sentimentos e consciência é o corpo, ele explica isso nesta passagem:

Neste livro, minha suposição é que assim como a emoção, a consciência relaciona-se à sobrevivência do indivíduo e que, tal como a emoção, a consciência está alicerçada na representação do corpo.⁵²

É fato que a fenomenologia de Husserl não pretende desmembrar corpo e consciência, mas antes mostrar uma fonte originária ou transcendental de conhecimento que relacione transcendência e imanência da consciência, o eu e suas vivências, o sentido da subjetividade em conjunto com o sentido da objetividade, pois não é possível pensar consciência sem mundo. O eu e o mundo podem mudar a partir da atitude que se tem diante deles, a partir do tipo de intenção que se orienta para um ou para outro mundo determinado. Numa passagem que comenta sobre a diferença entre mundo natural e mundo aritmético, por exemplo, ele diz: “Os dois mundos simultaneamente à disposição estão fora de nexos, a não ser pelo referimento do eu a eles, de acordo com o qual posso voltar livremente meu olhar e meus atos para um e para outro”⁵³.

A mudança de atitude é uma mudança de olhar para o mundo, e depende da vontade do sujeito, depende de seu desprendimento do mundo da atitude natural, e sua inserção no plano transcendental através da *epoché*, chave de acesso à ciência fenomenológica.

As emoções para Husserl e para Damásio e as consequências morais

As emoções tem um papel importante dentro da teoria da neurociência, e elas também fazem parte da explicação dos atos intencionais da consciência na fenomenologia. Para Damásio, sentir e saber são atos distintos, ele diz:

Alguns leitores podem ficar intrigados com a distinção entre ‘sentir’ e ‘saber que temos um sentimento’. O estado de sentir não implica, necessariamente, que o organismo que sente tem plena consciência da emoção e do sentimento que estão acontecendo? Estou supondo que não, que um organismo pode representar em padrões neurais e mentais o estado que nós, criaturas conscientes, denominamos sentimento, sem jamais saber que existe sentimento. É difícil conceber essa separação, não apenas porque os significados tradicionais das palavras bloqueiam nossa visão, mas porque tendemos a ter consciência de nossos sentimentos.⁵⁴

⁵¹ HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Livre second: Recherches phénoménologiques pour la constitution. Tradução do alemão por Eliane Escoubas. Paris: PUF, 1996, p. 93.

⁵² DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 41.

⁵³ HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006, p. 76.

⁵⁴ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 40.

Há duas informações importantes a serem analisadas a partir dessa citação. Primeiro a ideia do sujeito não ter sempre a consciência do que sente, daí vem a distinção entre sentir e saber que sente. Ora, para Damásio como representante da neurociência o processo biológico das emoções e sentimentos ocorre mesmo sem se haver manifestado na consciência. Uma informação importante trazida pelo neurocientista diz:

A emoção provavelmente havia se estabelecido na evolução antes do aparecimento da consciência, e emerge em cada um de nós como resultado de indutores que com frequência não reconhecemos conscientemente; por outro lado, os sentimentos produzem seus efeitos supremos e duradouros no teatro da mente consciente.⁵⁵

A segunda informação importante na referência anterior diz que é difícil conceber o distanciamento entre sentir as emoções e conhecer (saber) as emoções, porque tendemos a ter consciência de nossos sentimentos. Para a fenomenologia husserliana seria quase impossível não ter consciência das emoções. As emoções para Husserl fazem parte dos estados⁵⁶ que compõem a parte real da vivência intencional noética. Ou seja, faz parte do chamado conteúdo hilético ou conteúdo real do ato intencional que compõe toda vivência intencional. “[...] tudo o que é hilético entra como componente real no vivido concreto [...]”⁵⁷ Husserl acredita não ser possível ao humano ter consciência sem ter emoções, os chamados conteúdos de sensação, que formam a parte real da vivência. As emoções, como foram caracterizadas de conteúdo hilético (material) das vivências, sozinhas são estados, mas sem possibilidade de descrição, sem possibilidade de enunciação, ou estudo. É possível ter emoções sem ter consciência das mesmas para a fenomenologia de Husserl? Talvez, mas o verdadeiro propósito da fenomenologia é descrever toda vivência da consciência, toda relação ato-correlato de uma consciência atual, e estas são sempre conexas com emoções.

Para definir a relevância dos conteúdos reais (emoções, valores, vontades) Husserl mostra como a consciência desperta, os atos de todo sujeito está carregado de ‘estados’. Ele diz sobre o mundo circundante:

Ele continua sempre a estar ‘disponível’ para mim, e eu mesmo sou membro dele. Este mundo, além disso, não está para mim aí como um mero mundo de coisas, mas em igual imediatez, como mundo de valores, como mundo de bens, como mundo prático. Descubro, sem maiores dificuldades, que as coisas a minha frente estão dotadas tanto de propriedades materiais como de caracteres de valor, eu as acho belas ou feias, prazerosas ou desprazíveis, agradáveis ou desagradáveis etc. Há coisas que estão imediatamente aí como objetos de uso, a ‘mesa’ com seus ‘livros’, o ‘copo’, o ‘vaso’, o ‘piano’ etc. Também esses caracteres de valor e caracteres práticos fazem parte constitutiva dos objetos ‘disponíveis’ como tais, quer eu me volte, quer não, para eles e para os objetos em geral.⁵⁸

⁵⁵ DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras, 2015, p. 40.

⁵⁶ Fala-se da diferença entre estado e ato psíquico no volume XXXVIII da husserliana intitulado Percepção e atenção. Neste volume diz no § 6 nas notas sobre a doutrina da atenção e do interesse, nas quais ele discute com Carl Stumpf, ele deixa clara a diferença entre atos e estados: “Me parece que nós devemos distinguir os atos psíquicos e os estados. Os atos psíquicos se caracterizam pelo fato de possuírem um conteúdo intencional, sejam eles efetivamente próprios diante de toda duração de sua atividade, seja ele durante uma parte do tempo, seja ele descoberto em geral a título de simples disposição” (HUSSERL, 2009, 136, tradução nossa) Mais a frente fala dos estados: “Ao contrário, o prazer e o desprazer (a coragem, a covardia, a alegria, a tristeza) em todas as suas formas são estados. Nós não somos dirigidos para qualquer coisa, estes estados não tem por objetivo serem referidos à quaisquer objetos. Mas a referência é de outra ordem. O prazer é desperto pelo objeto e preenche ao presente minha alma que se conduz de maneira passiva, não de modo ativo, sobre o modo da recepção, nem da doação.” (HUSSERL, 2009, 136, tradução nossa)

⁵⁷ HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006, p. 225.

⁵⁸ HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2006, p. 75.

Não é possível falar dos objetos sem relacionar aos sentimentos que tenho em relação a eles, por isso, a dificuldade descrita por Damásio de dissociar sentir e saber não se coloca tanto na fenomenologia husserliana, pois mesmo que estes estados emocionais existam inconscientemente, em algum momento passarão à luz da consciência e poderão ser descritos fenomenologicamente, não de forma isolada, mas como componentes dos atos intencionais. O que se revela aqui é que os aspectos morais, psicológicos, emocionais, estéticos e práticos da vida humana tem seu lugar tanto na fenomenologia de Husserl, quanto na neurociência, com Damásio. Ambos buscam representar as esferas profundas da consciência dos estados e sentimentos que se conectam a subjetividade.

Conclusão

Como conclusão, afirma-se o forte parentesco entre neurociência e fenomenologia, seja como forma de estudo da consciência, seja como força de avanço dos estudos da neurologia, estudos das doenças e das questões éticas desenvolvidas em torno das questões de autonomia, morte e dificuldades de interação com o ambiente descrito, tão detalhado na obra de Antônio Damásio. Ressaltam-se ainda as emoções como constituintes da vida humana, e como formas peculiares de aparecimento diante da consciência. A neurociência para a fenomenologia constrói um novo mundo possível de descrição fenomenológica, responsável por abrir um novo campo de estudos na consciência pura, no âmbito do mundo da vida, uma nova região de ser, que pode ser interpretada como ontologia fenomenológica da neurociência.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARATA, André. *Lévinas, Husserl e Damásio – From otherness as experience to experience as Otherness*. In: Estudos e pesquisas em psicologia, Rios de Janeiro: UERJ, 2008, nº2, pp. 204-212.
- CHURCHLAND, Patricia Smith. The Impact of Neuroscience on Philosophy. In: *Neuron* 60, November 6, 2008 ©2008 Elsevier Inc, pp 409-411.
- DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: companhia das letras. 2015.
- GAOS, José. *Introducción a la fenomenologia seguida de La crítica del psicologismo de Husserl*. Madrid, Ediciones Encuentro, 2007.
- HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2008a.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: edições 70, 2008b.
- HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phenomenologie et une philosophie phenomenologique pures*. Livre second: Recherches phénoménologiques pour la constitution. Tradução do alemão por Eliane Escoubas. Paris: PUF, 1996.
- HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phenomenologie et une philosophie phenomenologique pures*. Livre troisième: La Phénoménologie e les fondements des sciences. Seguindo de Postface a mes Idées directrices pour une phénoménologie pure. Tradução do alemão por Dorian Tiffeneau. Paris: PUF, 1993.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras. 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: volume 1*. Tradução Diogo Ferrer. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- HUSSERL, E. *Meditações cartesianas – conferências de Paris*. Lisboa: Phainomenon e centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

HUSSERL, E. *Phénoménologie de l' attention*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2009.
MARBACH. *Towards Integrating Husserlian Phenomenology with Cognitive Neuroscience of Consciousness*. *Synthesis philosophica*, 44, 2/2007, pp.385–400.
POPPER, Karl. R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
SARTRE, J.P. *A Imaginação*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1987.
SARTRE, J.P. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
TALENTO, Filomena. *Sulle emozioni: confronto tra fenomenologia e neuroscienze*. *Phenomenology Lab*, venerdì, luglio 23, 2010. In: <http://www.phenomenologylab.eu/index.php/2010/07/fenomenologia-e-neuroscienze>

Doutora em Filosofia (UFSC)
Professora do PPG Filosofia (UNIOESTE)
E-mail: fontanessa@yahoo.com.br